A MASSA, O URBANÍCOLA E O INTELECTUAL

Djacir Menezes

1.

Com as grandes concentrações urbanas, surgiram sinais de mudança nos estilos de convivência humana. De início, foram as antenas literárias que captaram, no campo espiritual, os prenúncios da transformação material que se operava. Deram-nos o *insight* daqueles processos, a visão interna e sutil, pelas vias artísticas, antes da formulação conceitual e lógica, pela elaboração científica. Cito apenas um exemplo sugestivo: a análise social da obra de Balzac mostrou o processo de decomposição do *ancien régime* na sua plenitude: a psicologia do fidalgo decadente, do tubarão das finanças crescendo, da burguesia mercantil ascendendo, dos *nouveaux riches* ambiciosos, dos matrimônios de conveniência, todos os fenômenos típicos da classe aristocrática que transigia e cedia passo à nova camada social do dinheiro como forma onipotente e onipresente do capital. Balzac fêz inventário das categorias sociais tomadas ao vivo e bolindo. Êste inventário foi chamado *Comédie humaine*.

No fundo do urbanismo moderno, estavam as fôrças que se concentravam através de mecanismos econômicos, construídos pela atividade industrial, cujas técnicas se desenvolviam ràpidamente. Eletrificação, higienização, edificação, transportes, todos os problemas suscitados na grande cidade pendiam de ciências correlacionadas, que eram chamadas a prestar seu concurso. No plano político, a presença da "massa" acusava-se poderosamente. Os movimentos democrático-nacionalistas sucederam à entrada do proletariado no cenário europeu; a Primeira Guerra Mundial, a Revolução Russa, o Estado nazi-fascista são etapas que marcam a história do Ocidente.

2.

O fracasso progressivo do celebrado automatismo do sistema econômico determinou a transferência de certas chaves de liderança econômica para as mãos do poder público. Assistiu-se à ruptura e dissolução das estruturas tradicionais. As multidões tomaram aspectos novos — e se definiram outras formas de organização partidária. O partido burguês criara o *comitê*, o socialista imaginara a *seção;* o totalitarismo inventou a *milícia*, o comunismo instituiu a *célula*. São os instrumentos destinados à penetração no seio das massas para o aliciamento da clientela. Êstes, porém, têm espírito inteiramente diferente. Enquanto na Idade Média a religião se tornou uma política, na Idade Contemporânea a política se tornou uma religião: absorveu o indivíduo *in totum*. Os partidos extremistas são Ordens religiosas. Dominam tôda a consciência: centralizantes, militarizados, exclusivos, autocráticos. Ante sua fiscalização *à outrance* não há "vida privada". E como são monolíticos, não admitem a coexistência: a luta pelo poder é, em caso de êxito, a extinção dos adversários. Luta de vida e morte. No desígnio de impedir proliferação de heresia ideológica, suprimem a crítica. Assim, desaparece a atmosfera do intelectualismo racionalista, que é a condição da ciência. Instala-se a oligarquia plebiscitária, que se apóia no "partido-classe".

A massa não dispõe de órgãos que a esclareçam, mas de órgãos que a domestiquem no mesmo catecismo, que gira, por sua vez, em tôrno do núcleo carismático: o "chefe". Certo infantilismo regressivo da massa contribui para revivescência de arquétipos oriundos de antigas formas de pátrio poder, que ressurgem instrumentalizadas em técnicas políticas. Em tal processo regressivo, evidentemente, o intelectual, crítico pertencente à cêpa do velho tronco racionalista, alimentado de enciclopedismo e de liberdade, passa a ser o indisciplinado, provocador de querelas e muito *raisonneur*. É preciso então retirar-lhe os meios de ação expressiva e comunicativa, — e esterilizá-lo. O intelectual, *voilà l'ennemi*.

3.

Dispenso-me de repetir as descrições que, desde Tarde e Le Bon, se fazem nos livros no intuito de caracterizar a "massa", apontando os processos psicológicos de sugestibilidade, emotividade, agressividade, primitivismo, etc. Até Freud pretendeu acrescentar mais tintas ao quadro etiológico e clínico. E sugeriu que a massa tem seu ideal no *pater* primitivo, recolhido na herança arcaica do inconsciente individual e pronto a irromper na neurose e no sonho. A rela-

ção masoquista entre o "Fuhrer" e a "massa" originar-se-ia das fontes paleopsíquicas, com a ruptura primitiva de que resultou a morte do *pater* pelos *fratres*, acumpliciados na primeira ação conjugada que abriu a história do pensamento. Do drama derivaria o sentimento de ambivalência, tão fecundo à psicanálise para explicar os mitos religiosos, sociais e artísticos.

De passagem, pode-se dizer que a massa se caracteriza pela heterogeneidade e anonimato dos indivíduos, pela ausência de tradição, de instituições e costumes, pelo desligamento entre os indivíduos momentâneamente cooperantes, conjugados na transitoriedade de objetivos sem premeditação. "As massas — elucida Mendietta y Nuñes — só existem nos países civilizados, de indústria mais avançada e de complexa organização social".

O que não quer dizer que dentro da massa não existam grupos organizados; na totalidade, porém, ela é amorfa, em virtude da inexistência de vínculos consistentes e estáveis, que pudessem dar uma configuração definida. A imagem seria a de reservatório instantâneo de fôrças em ebulição. Não há interêsses cristalizados, — mas tensões, que se canalizam tumultuosa ou arbitràriamente, no improviso das circunstâncias históricas.

Faz-se por vêzes sinonímia entre "massa" e "multidão". Prefiro distinguir, no gênero "multidão", a espécie "massa", — fenômeno relativamente moderno, já dentro dos quadros do industrialismo.

4.

Sabe-se que as cidades medievais oscilavam entre 10.000 e 50.000 habitantes. Dentro delas, um processo social de trocas, que o dinheiro não desligara de todo das relações pessoais, mantinha limites acanhados, garantidos pelos ordenamentos corporativos. A liderança social estava no campo—e as prestações se faziam em produtos e em trabalho. Mas o dinheiro seria o ácido corrosivo daquelas relações feudais—e alargaria os mercados citadinos. Ao longo da história, vê-se como tais estruturas foram destruídas e assentaram-se as bases que permitiriam o advento da "massa". O progresso dos transportes e comunicações multiplicou os contactos sociais, aperfeiçoados pelas técnicas científicas: imprensa rotativa, rádio, televisão aceleram a "urbanização" de todos os recessos do País. O agro não é mais o *mare clausum* de outrora. Os órgãos de propaganda e disseminação de idéias, de opiniões, de informações modificaram radicalmente a posição do problema. A palavra falada, accessível à maioria dos sêres humanos, com a instalação de microfones pelas mais remotas cidades da hinterlândia, adquire uma inesperada valo-

rização como fator de ordem política. Mentalmente, tudo se urbaniza.

Na grande cidade, as formas de convivência apresentam características diferentes pela diferença dos tipos de contactos sociais. A natureza humana, que manifesta certa docilidade à ação histórica, oferece exemplo sugestivo na psicologia do urbanícola, onde se delineia a fisionomia mental do homem participando da massa.

Na vila ou na pequena cidade, cada indivíduo está sob o Argus de mil olhos da comunidade. Os contactos são diretos, *face to face,* na experiência comum. Todos se conhecem, se espiam, se comentam, se aprovam e desaprovam. Preferências, idiossincrasias, opiniões, cacoetes, virtudes, antipatias compõem a atmosfera peculiar às pequenas comunidades. A psicologia do indivíduo se modela nessa *web of life,* onde êle se insere. A inserção do indivíduo na vida da grande cidade é completamente outra. Predominam os contactos indiretos — e será exemplo a vida num edifício de apartamentos de classe média. Na rua, na praça, no cinema, o indivíduo está só no meio da multidão. Desapareceram as atitudes de compreensão e simpatia humanas, que adoçam a convivência rural, com a participação fácil dos problemas e sofrimentos alheios. O indivíduo fecha-se; é ser estranho aos sêres estranhos que lhe passam ao lado. Secou o "leite de bondade humana", de que falava o bom Charles Dickens, cuja pena dispunha de tanta graça afável para pintar os momentos de ternura no contacto humano. O indivíduo é um casulo impermeável. O atrito torna-se áspero como se faltasse a lubrificação de algo, que vem da afetividade mais alta.

Está psicològicamente preparado: é uma peça para a massa; é o homem solitário na grei enorme. A família, que é a matriz dos sentimentos mais profundos, desarticulou-se em suas bases históricas quando se reduziu a agência destinada a aumentar a população, perdendo as funções educativas, que prolongavam as funções biológicas. Também não é mais agência econômica. Nas classes afortunadas e nas miseráveis, a desagregação se acelera sob ação de fôrças econômicas que ultrapassam as pregações moralísticas. A transferência das antigas funções domésticas para órgãos da hierarquia educativa assinala a transição inevitável. A família alivia-se, a atomização social amplia-se, os antigos laços afetivos tendem a apagar-se.

Não imitemos os teólogos que viram o fim do mundo quando findavam apenas o seu mundo, o mundo teocrático. Ou dos econonistas que vêem no declínio do liberalismo econômico os sinais da decrepitude total. A corrigenda está na perspectiva que resulta da sociologia e da história, despidas do vício do moralismo militante. Há que constatar o fato, não tentar ressuscitar o passado.

5.

O intelectual sente-se como renegado que abjurou as mitologias dominantes. Pensar não é reformular constantemente o que foi dito, mas enunciar o que ainda não foi dito, pela revisão crítica e superação dos valores estabelecidos. Há uma contínua reinterpretação, que traduz o crescer histórico da consciência, de que os estudos sociológicos são um dos aspectos mais significativos.

Vítima da incompreensão, o intelectual está sob vigilância. É um suspeito. Em volta da sociologia concentra-se a desconfiança, oriunda de setores políticos onde a perspectiva histórica sofreu deformações irracionais. Aspiram êles o regime de produção de idéias sob contrôle no poder público: e o exemplo mais deprimente vem dos países totalitários, onde a literatura sociológica decaiu miseràvelmente na mais servil ladaínha à sagrada trindade do marxismo, a que se apendiculara Stalin, agora descanonizado e degradado *post mortem*.

Fabricam-se estereótipos para alimentação das massas, que não experimentam a necessidade de liberdade e segurança para o trato e tirocínio das idéias. Para o intelectual, tais condições são tão vitais como as demais exigências naturais. Restringi-las ou suprimi-las é aniquilá-lo, frustrando-lhe a essência de sua atividade. Não pode existir trabalho científico sob vigilância policial. E a solução das perplexidades que atormentam o homem se prende ao desenvolvimento da fôrça moral da inteligência. Esta denunciará as plutocracias que instigam maquinações contra as energias construtivas do porvir humano.

6.

Indiquei sucintamente a posição do intelectual em frente à massa. O drama da inteligência contemporânea é agora, mais do que nunca, a aspiração da liberdade.

Se há alguma tese a levantar de minhas considerações, será esta: — o valor pragmático e vital do pensamento está no seu papel històricamente exercitado de antecipação, de revisão e de crítica. Êste papel pioneiro exprime um aprofundamento progressivo da Consciência — e processa-se pelo trabalho artístico, filosófico e científico. Trava-se hoje a peleja mais acirrada no campo das ciências sociais. É nelas que se arvora atualmente a bandeira da liberdade de livre pesquisa. A gravidade de luta mostra não estar longe o dia em que os códigos penais punirão a supressão do livre pensamento e da crítica científica como o maior crime contra a humanidade.